

YAWANAWAHÃU XINÃSHU RAIÁ
Plano de vida **YAWANAWA**





YAWANAWAHÃU XINÃSHU RAIÁ
Plano de vida **YAWANAWA**



Foto: Lica Donaire



A Iniciativa
Comunidades da Forest Trends
apoia os povos indígenas e as
comunidades tradicionais na garantia
de seus direitos, na conservação de
suas florestas, culturas e costumes,
e na promoção do seu bem viver



A Associação Sociocultural Yawanawa— ASCY,
tem como missão lutar pelos direitos do povo Yawanawa e buscar novas
alternativas que possam viabilizar social e economicamente e proteger o
território da Terra Indígena do Rio Gregório e fortalecer as manifestações
culturais e espirituais do Povo Yawanawa

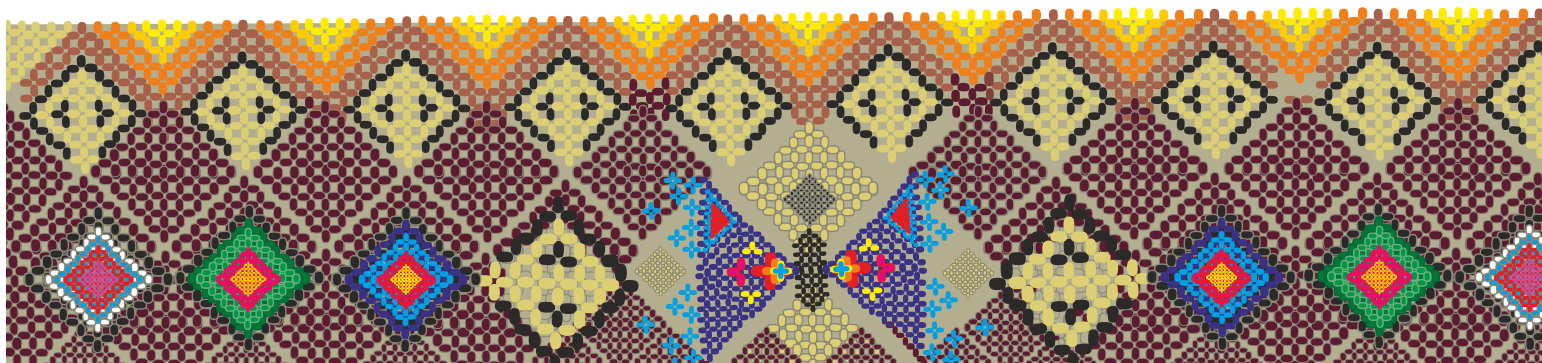
"Nosso pai, Raimundo Juinkuru, já tinha no sangue um pressentimento das causas que o mundo iria abraçar, a causa da floresta, do meio ambiente... Ele tinha uma visão de futuro e era um apaixonado pela nossa cultura. Ele dizia - Meus filhos, porque vocês não fazem como antigamente? A gente brincava assim, cantava assim". Ele foi o autor, o mentor, o idealizador de tudo isso que estamos vendo hoje, por isso temos que homenageá-lo nesse livro..."

Raimundo Sales Yawanawa

"...Esse projeto, que nós estamos chamando de Plano de Vida Yawanawa, é um sonho... é um sonho que um dia poderá tornar-se realidade. Eu gostaria de convidar cada um de vocês para fazer parte e contribuir juntos, para ser um projeto originalmente Yawanawa. Vindo da nossa cabeça, vindo de nossas ideias..."

Jashka Yawanawa

Terra Indígena Rio Gregório
Tarauacá – AC
Abril de 2016





Capa: pintura da Pajé Katia Hushahu Yawanawa.
Representa Vana,
o espírito da água, dona e protetora da natureza.

AUTORIA:

POVO YAWANAWA

TEXTO:

REDAÇÃO: ROBERTO TAVARES E MARCIO HALLA – FOREST TRENDS

REVISÃO:

TASHKA YAWANAWA & LAURA SORIANO YAWANAWA

RAIMUNDO SALES YAWANAWA

FOREST TRENDS

ARTE:

CONCEPÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E ARTES GRÁFICAS:

LICA DONAIRE – ECOTORÉ SERVIÇOS SOCIOAMBIENTAIS

ILUSTRAÇÕES: KATIA HUSHAHU YAWANAWA, SHAYA, ADAILSO VINYYA E ACERVO ASCY

FOTOS: TASHKA YAWANAWA, BETO BORGES, LICA DONAIRE, NEY MACIEL, JAIRO LIMA
E ACERVO ASCY

REALIZAÇÃO:

ASSOCIAÇÃO SOCIOCULTURAL YAWANAWA – ASCY

INICIATIVA COMUNIDADES DA FOREST TRENDS

APOIO ADMINISTRATIVO:

EQUIPE DE CONSERVAÇÃO DA AMAZÔNIA

PARCERIA INSTITUCIONAL:

FUNDO VALE

Esta publicação pode ser reproduzida no todo ou em parte e em qualquer forma para fins educacionais ou sem fins lucrativos, sem necessidade de permissão especial do titular dos direitos autorais, desde que seja citada a fonte. A Forest Trends e a Associação Sociocultural Yawanawa, porém, gostariam de ser informadas e receber uma cópia de qualquer publicação ou menção que venha utilizar esta publicação como fonte. É vetado qualquer uso comercial da publicação."

impressão: MIOLO
papel reciclado "reciclato" / Suzano 90g
CAPA
papel couche fosco 300g

ISBN 1-932928-60-X





Índice

Apresentação:

Quem Somos, Nossa Organização e Nosso momento atual

Nossos Contadores

1. Nossa História

O tempo de antigamente

O tempo do cativoiro

A demarcação — A Conquista da Terra, parte 1

2. Nossos Projetos — Atividades Econômicas

A Madeira

O Urucum — Parceria Com A Aveda

O Couro Vegetal

O Óleo de Andiroba

3. Nossas Iniciativas — Cultura e Território

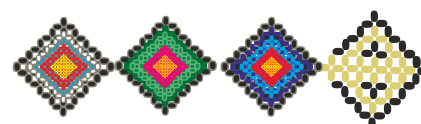
A revitalização cultural e o etnoturismo

A revisão de limites e o nosso entorno — Conquista da Terra, Parte 2

4. Linha do tempo da Terra Indígena Rio Gregório

5. O Plano de Vida da Terra Indígena Rio Gregório

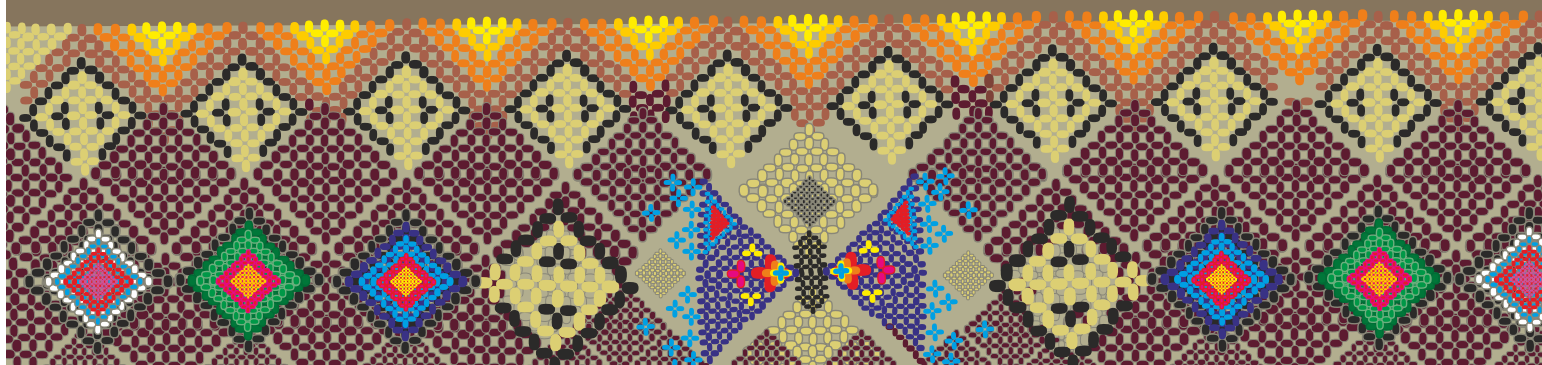
Plano de Vida Yawanawa



APRESENTAÇÃO

QUEM SOMOS, NOSSA ORGANIZAÇÃO E NOSSO MOMENTO ATUAL

Tashka Yawanawa



QUEM SOMOS

Autodenominamo-nos Yawanawa, o povo da queixada. De acordo com nossos ancestrais, vivemos desde os tempos imemoriais nas cabeceiras do Rio Gregório, na Terra Indígena Rio Gregório, estado do Acre, sudoeste da Amazônia brasileira.

Diferente de outros grupos amazônicos que estão espalhados em diferentes localidades, nosso povo Yawanawa é único no planeta, falamos a mesma língua, do tronco linguístico pano, e vivemos no mesmo território.

O primeiro contato com a sociedade ocidental aconteceu por volta do século XVI, na época da liderança de nosso avô, Antonio Luís Pekuti. Foi uma época marcado pelo genocídio cometida contra nosso povo. Por décadas, trabalhamos como verdadeiros escravos para os patrões seringalistas, que se diziam donos de nossas terras, não éramos justamente remunerados por nossos trabalhos e ainda tínhamos que conviver com todo tipo de atrocidades em nossa própria terra.

O segundo contato aconteceu com os Missionários da Missão Novas Tribos do Brasil – MTB, que vieram “evangelizar” a comunidade. Nesse período, muitos de nossos rituais, danças, expressões artísticas, manifestações culturais e espirituais foram deixadas para atrás, dando vaga aos costumes ocidentais trazidos pelos patrões seringalistas e missionários.

Em 1977 foi identificada e delimitada a terra Indígena do Rio Gregório. Mesmo tendo nosso território delimitado pelo governo brasileiro, nossos direitos nunca foram respeitados. Cansados de tantas atrocidades, em 1982, nosso povo expulsou todos os brancos não indígenas de nosso território. Logo mais tarde, expulsamos também os missionários da Missão Novas Tribos do Brasil.

Em 1983 foi demarcada fisicamente a Terra Indígena Rio Gregório, com área de 92,859,749 ha. Por ter sido a primeira Terra Indígena demarcada no Acre, serviu de exemplo para que todas as lideranças indígenas do Estado pleiteassem a regularização de seus territórios.



Acervo ASCY

Desde 1977, esta terra indígena foi identificada e delimitada com perímetros errados. Temendo represálias dos patrões seringalistas, nosso povo não teve a coragem de solicitar a identificação e delimitação de nosso território corretamente – muitos de nossos cemitérios sagrados, bosques e mananciais ficaram fora da T.I. Rio Gregório. Mesmo estando fora dos limites de nossa terra, esses lugares sagrados puderam ser visitados e desfrutados pelos Yawanawa nestes últimos anos. No entanto, após uma grande reflexão, em 2002, nosso povo despertou para o grande perigo que estávamos vivendo: o de perder definitivamente o direito inalienável aos nossos territórios sagrados, com a nova política de desenvolvimento e o asfaltamento da BR-364, que vinha sendo executado no Estado do Acre, sudoeste da Amazônia brasileira, que resultaria num impacto direto ao nosso povo. Preocupados com este dilema, em 2003, nos preparamos para encarar mais essa batalha, de lutar para a revisão de limites de nosso território. Nos mobilizamos para reivindicar a revisão de limites da nossa Terra Indígena. De posse de um abaixo-assinado, tendo como signatária a maioria dos deputados da Assembleia Legislativa do Acre, contando com apoio de senadores e da bancada de deputados federais acreana, fomos até Brasília para requisitar da Fundação Nacional do Índio – FUNAI e do Ministério da Justiça a revisão de limites de nosso território. Fruto dessa visita, uma equipe de antropólogos da FUNAI esteve na comunidade em julho de 2003 e fez um estudo preliminar de revisão de limites. O estudo preliminar abrangeu uma faixa de 92.254 mil hectares para o povo Yawanawá e Katukina. Em 2005 foi criado um grupo de trabalho pela FUNAI, para a demarcação da revisão de limites de nossa Terra Indígena. Em outubro de 2008 foi concluída a Demarcação de Revisão de Limites da Terra Indígena Rio Gregório. Com essa revisão de limites, dobramos nosso território.

Somos hoje em torno 1250 pessoas e a maioria de nossa população está composta por jovens e crianças. Fomos muito numerosos no passado, no entanto muitos de nossos velhos morreram com o impacto negativo trazido pela colonização. Vivemos num território de aproximadamente 200 mil hectares de terra e ainda mantemos 95% de nossa biodiversidade intacta.

Apesar de estarmos localizados bem distantes da zona urbana, nosso povo sempre esteve envolvido com organizações governamentais, não governamentais e empresas privadas, com as quais buscamos parcerias de trabalho para melhorar a qualidade de vida na floresta e continuar desfrutando de festas tradicionais, rituais, costumes e língua.

Um dos projetos pioneiros do nosso povo foi o projeto de Urucum, através de uma parceria com a empresa norte americana de produtos cosméticos Aveda Corporation. Esta parceria foi muito importante, porque ela surgiu quando nosso povo estava buscando uma atividade que pudesse trazer uma economia para nossas aldeias, mas que essa atividade não fosse fora de nossa realidade, que não viesse destruir nossa cultura e nosso meio ambiente. O Urucum pôde consolidar essas preocupações em um projeto positivo, que criou uma economia para a aldeia, valorizando e promovendo a cultura e o povo Yawanawa.

Nesses últimos 23 anos, vimos trabalhando com diferentes parcerias, com organizações locais, nacionais e internacionais, que possibilitaram que nosso povo pudesse se reorganizar e criar condições e ambiente para fortalecer a nossa cultura e espiritualidade.

Como parte do processo da retomada cultural e espiritual, em 2002, reunimos pela primeira vez todo o povo Yawanawa para organizar uma semana de celebração do canto, da dança, da expressão artística, da manifestação cultural e espiritual. Chamamos este evento de YAWA. Este evento representou, para nosso povo, o renascimento cultural e espiritual em pleno século XXI. Afirmamo-nos como povo indígena, com uma forte cultura e identidade. Reavivamos o tempo em que cultuamos, no meio da floresta, nossos costumes originais, sem nenhum tipo de influência da cultura ocidental.



Manter viva a memória do povo Yawanawa, é uma responsabilidade de todos da comunidade e faz parte de uma preocupação antiga de nossos velhos, em não deixar de registrar a nossa cultura tradicional, que, ao longo do contato com a sociedade brasileira, vem sofrendo muitos processos de aculturação (casamento interétnico entre índios e brancos, grupos vivendo fora da aldeia, etc.), que contrariam as normas e mudam a cultura do povo Yawanawá. Temos trabalhado para documentar e deixar registrado cada aspecto da cultura de nosso povo. Produzimos, em 2004, um documentário intitulado YAWA – história do povo Yawanawa. Neste documentário de 55 minutos, produzido originalmente na língua Yawanawa e posteriormente traduzido para: Português, Espanhol, Inglês, Alemão, Italiano, Coreano, Japonês e Francês, rodou o mundo levando o canto, a dança, a expressão artística, manifestação cultural e espiritual do povo Yawanawa.

Qualquer pessoa que for visitar a Terra Indígena Rio Gregório, nunca mais voltará com a mesma imagem que levou. Trará em sua bagagem a lembrança de um povo feliz, com uma cultura forte, vivendo numa terra indígena abençoada por Deus e bonita por natureza. Ela não poderá descrever a sensação de participar de uma roda de Mariri, porque é a força, é a energia da floresta em harmonia com seus habitantes.



NOSSA ORGANIZAÇÃO SOCIAL ATUAL

Nosso povo atualmente vive um novo momento de organização social. Viemos de uma organização tradicional. Desde os tempos imemoriais, nosso povo sempre se manteve unido através de nossa organização tradicional. Nosso modelo de organização tradicional tinha como missão manter o povo Yawanawa unido em harmonia, forte cultural e espiritualmente, manter a ordem e o respeito entre as famílias e ter muita fartura e abundância de comida para toda a comunidade. Chamamos nossa organização tradicional de governo tribal, o qual era formado pelo chefe tradicional e por um conselho de anciões, de pajés, curandeiros e os guerreiros da tribo.

Nossa organização tradicional nunca foi materializada em forma de pessoa jurídica. Para que pudéssemos ter uma representação formal, fundamos, em 1993, a Organização de Agricultores e Extrativistas Yawanawá do Rio Gregório – OAEYRG, para defender os interesses do povo Yawanawa e servir de instrumento político de representação do povo Yawanawa.

Em 2003, foi fundada a Cooperativa Agroextrativista Yawanawa– COOPYAWA, que tinha como missão viabilizar a comercialização dos produtos Yawanawa produzidos dentro e fora da aldeia. Através da COOPYAWA, o povo Yawanawa avançou muito na conquista de mercado e venda de seus produtos.

Em junho de 2008, foi fundada a Associação Sociocultural Yawanawa, para representar apenas 5 comunidades: Mutum, Escondido, Tiburcio, 7 Estrelas e Matrixã. Esta nova organização tem como objetivo fortalecer a cultura Yawanawa e buscar mecanismos para viabilizar social e economicamente as comunidades por ela representadas. Atualmente a ASCY representa as 7 aldeias, incluindo as aldeias Amparo e Yawarani.

Politicamente, dentro da Terra Indígena Rio Gregório, existem duas organizações que representam o povo Yawanawa, a Cooperativa Yawanawa–COOPYAWA representa apenas a aldeia Nova Esperança, estando as demais aldeias representadas pela Associação Sociocultural Yawanawa– ASCY.

NOSSO MOMENTO ATUAL

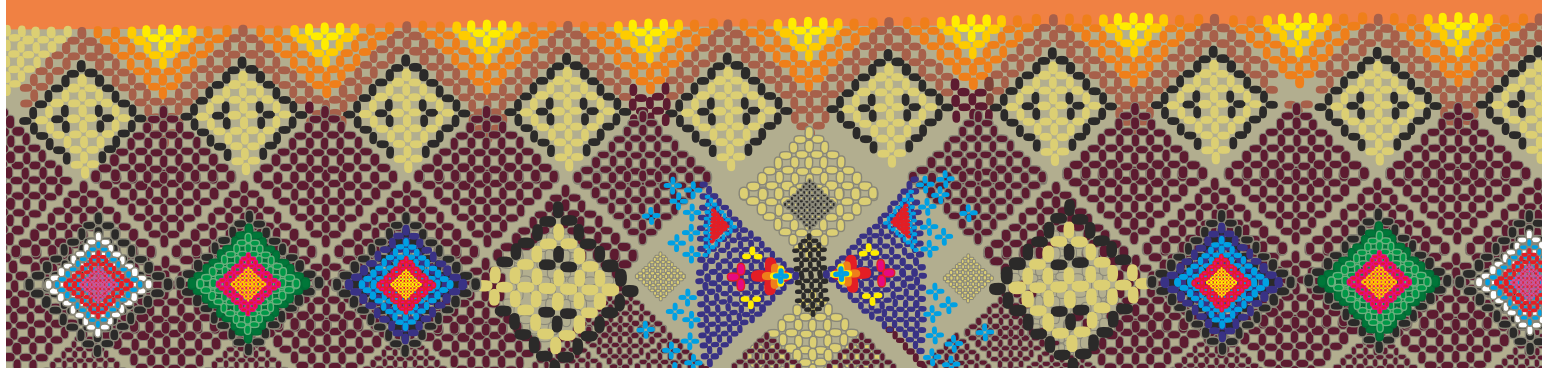
Envolvidos com organizações governamentais, não governamentais e empresas privadas, temos buscado inovar nas iniciativas de trabalho, planejando e agregando diversos fatores que venham somar com o que já vimos desenvolvendo. Essas iniciativas tem sido feitas em parcerias com organizações governamentais, não-governamentais e empresas públicas e privadas, construídas ao longo do contato com a sociedade envolvente.

Como parte deste processo de inovação, surgiu o a ideia do Plano de Vida Yawanawa, por meio de parcerias da Associação Sociocultural Yawanawa, como: AVEDA Corporation Inc., que já mantém uma parceria de trabalho com o povo Yawanawa de 23 anos, com a Forest Trends e a Native Energy. A ideia do projeto era explorar as potencialidades existentes na Terra Indígena Rio Gregório, que pudessem fortalecer as atividades que já vinham sendo desenvolvidas pelos Yawanawa. O caminho encontrado para apoiar os projetos e atividades desenvolvidas nas aldeias, sem interferir na vida cotidiana das pessoas, era apoiar algo já existente, fortalecer aquilo que já existe, que os Yawanawa já fazem naturalmente desde os tempos imemoriais, desenvolvendo atividades sustentáveis que tem preservado seu território e seus conhecimentos tradicionais.

Após um tempo para refletir melhor sobre o projeto, discussões internas com as lideranças e pensadores do povo Yawanawa, a ASCY iniciou as primeiras oficinas sobre Pagamentos por Serviços Ambientais em 2011. Esta oficina reuniu as lideranças de 6 comunidades: Mutum, Escondido, Tiburcio, Sete Estrelas, Yawarani e Matrixã.

Esta publicação é uma instrumento para compartilhar um pouco das conquistas e avanços que vem sendo realizados na Terra Indígena Rio Gregório. Com isso, esperamos estar contribuindo para o nosso mundo continuar verde, com nossos povos saudáveis, avermelhados pela cor do urucum e protegidos pela tinta azul do jenipapo. Cuidar de nosso planeta é cuidar do futuro de nossa futura geração, é uma tarefa e responsabilidade para cada um de nós que vivemos nesta planeta.

NOSSOS CONTADORES



Neste livro contamos nossa história e falamos sobre nossos projetos e iniciativas. Registrar estas informações e compartilhar nosso Plano de Vida é um motivo de felicidade para nós! Por isso apresentamos os contadores da história que vocês vão ler a partir de agora:

FRANCISCO LUIS PANAHAI YAWANAWA,
PROFESSOR
E LÍDER DA ALDEIA MATRIXA



TASHKA YAWANAWA,
LÍDER YAWANAWA E
PRESIDENTE DA ASCY



LUIS BRASIL YAWANAWA,
LÍDER E CONHECEDOR DE
PLANTAS MEDICINAIS DA
ALDEIA SETE ESTRELAS



JOÃO GROSSO KATUKINA,
LÍDER DA
ALDEIA TIMBAUBA



LEDA MATILDE,
PROFESSORA DA
ALDEIA MATRIXA



MARIAZINHA LUISA
NAIWENI YAWANAWA,
LÍDER DA
ALDEIA MUTUM



RAIMUNDO SALES YAWANAWA,
LÍDER YAWANAWA



ANTONIO GILBERTO YAWANAWA,
LÍDER E AGENTE AGROFLORESTAL
INDÍGENA DA ALDEIA ESCONDIDO

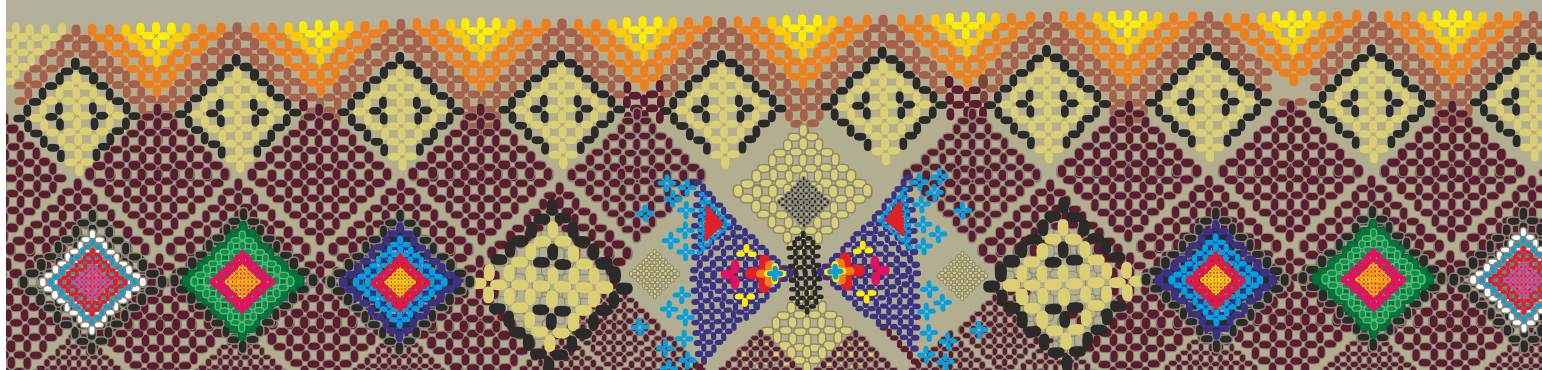


ALDERINA PEQUENA LUISA YAWANAWA,
PROFESSORA E
LÍDER DA ALDEIA AMPARO



1

NOSSA HISTÓRIA



NOSSA HISTÓRIA

O tempo de antigamente

No tempo de antigamente, antes do contato com os brancos, vivíamos na floresta da região do rio Gregório, em locais de terra firme, distantes das margens dos rios.

“...Os meus avós falavam que antigamente a gente morava na terra firme, era assim para avistar os Incas quando eles atacavam a gente, só depois que a gente fez contato que acostumamos a morar na beira do rio...”

Francisco Luis Panahäi Yawanawa, professor e líder da aldeia Matrixã

Naquele tempo, vivíamos tradicionalmente, como os parentes isolados de hoje em dia. Percebemos que as pessoas da sociedade envolvente possuíam equipamentos e materiais do nosso interesse, e por isso nossas lideranças optaram por fazer o contato com eles.

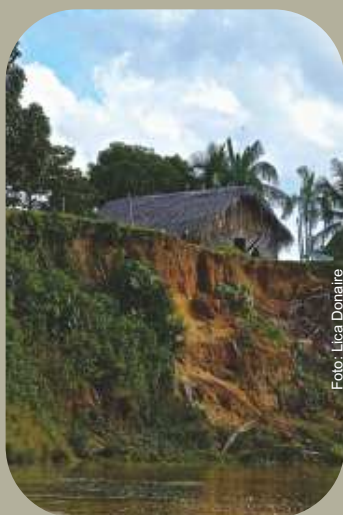


Foto: Lica Donaire



Foto: Lica Donaire

“...Naquele tempo, o que meus avós me contavam, era que antes do contato o nosso tipo de vida era primitivo mesmo, sem roupa. As mulheres usavam apenas aquelas tangazinhas, e os homens nus, apenas amarrando uma envira no órgão sexual. Todos moravam embaixo do Shuvuã.... Esse tipo de vida não é diferente dos povos isolados de hoje, que é uma vida sofrida, sem o material que facilita a vida, como terçado, machado, peixeira, tesoura, sem roupa e cobertor para se aquecer. Então tinha que ficar fazendo fogueira embaixo da rede. Foi assim até chegar o tempo do contato. O que aproximou o nosso povo dos brancos foi pela necessidade de obter aqueles produtos que eram muito admirados e necessários para nossa vida cotidiana. Então, depois que eles fizeram contato não houve mais jeito de voltar a ficar isolado. Esse contato foi feito por dois homens, que eram meu avô, Antônio Luiz Pekuti, o Quati, e o primo dele. Depois disso o resto do povo chegou junto....e mesmo não sabendo a língua deles começaram a trabalhar com limpeza de estradas de seringas, ramais, caçadas...em troca disso recebiam os materiais que eles precisavam, roupa...”

Raimundo Sales Yawanawa, líder Yawanawa

As histórias antigas remetem a nossa ancestralidade e juntam nossos conhecimentos tradicionais com o território Yawanawa. Um exemplo é a história de alguns episódios da vida do grande pajé Muka Nawa relatado abaixo, que demonstra que nosso território é ainda mais abrangente que a terra demarcada.

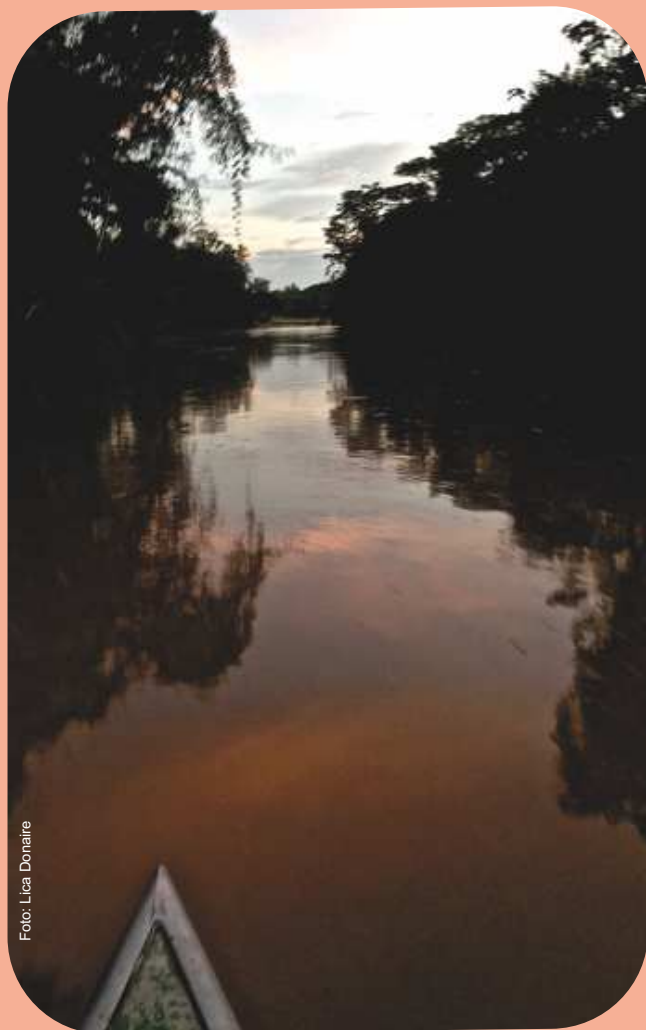


Foto: Lica Donaire

“...Essa é uma história de um pajé Yawanawa, que fez muito mistério de dieta e ficou um homem muito poderoso, muito forte do lado espiritual. Isso acho que não vamos alcançar mais... Ele também era muito guerreiro, muito valente. A história fala que era guerreiro mesmo, que não podiam brincar muito com esse pajé. Ele adivinhou tudo o que ia acontecer com o Povo Yawanawa, que ia aparecer um pessoal vestido, uns encapados, mas não sabia que forma eram as capas deles, só vendo é que o pessoal ia conhecer. Ele pedia muito que o povo dele fosse amigo dessa gente, dizendo para o povo que não era para atacar, matar, criticar essas pessoas, que eles deveriam ser amigos deles. Nessa época, ele disse que não estaria mais vivo, e que essa história seria bem contada. Ar parece que morreu uma filha dele, que ele mais amava, o que deixou ele com muita raiva. Nem sei porque ele foi e pegou as pessoas, não deu jeito. Apesar de ser um pajé muito poderoso, resolveu pensar numa coisa do futuro e fazer também a perdição da vida dele. No meio daquela raiva, matou os empregados dele e jogou nesse rio, que na língua se chamava Wakawã, nome do rio Gregório. Mas só porque ele matou os povos mudaram o nome para Yuraia.

Essa é uma história dos antepassados, mas está ligada com a nossa geração. A gente não lembra muito porque é uma coisa antiga. Então ele fez isso e foi descendo esse rio, e todos os igarapés onde chegava, não era ele que sabia, era mais o espírito dele... Ele chegava nos igarapés, mexia nas águas e falava – Ah, o nome desse igarapé é esse aqui. E botava o nome. Aí veio baixando, baixando e chegou na beira de outro igarapé. A irmã dele veio correr o rio, pegar peixe, pois antigamente não tinha outro serviço pra fazer mesmo: ver o rio e matar peixe para comer e levar também. Então, quando chegou, viu o irmão, o Muka Nawa e disse: Utxin (como chama irmão na língua) – O que você está fazendo aqui? E ele respondeu, – Estou aqui porque morreu sua sobrinha e eu fiz tudo o que não presta, então, estou por aqui pensando em tudo o que fiz e na filha que eu perdi, por isso que estou por aqui, a fim de perder minha vida ou um bicho me devorar. Se eu não achar quem me devore, eu volto. E assim ele fez... Dizem que ele passou aqui no Apiurí e chamou de Kariá. Assim ele fez em todos os igarapés: ele chegava, botava a água na boca e falava o nome do igarapé. Nessa região daqui do Tauari, rodeando o riozinho da Liberdade, do Taraucá, do Primavera, se a gente tirar o tanto que o Muka Nawa andava, onde ele comandou, a gente teria direito ao Tauari todinho, pegando o Liberdade, o Forquilha, o Primavera e também de parte desses rios. Mas como a gente não pode fazer isso a gente tirou só essa bolada aqui. Então, onde ele caçava e dava comida pros filhos deles e pro povo dele, era o nosso lugar. Então, por isso que aqui é o nosso lugar. Nós não viemos de outro lugar, de outro rio, de outro país, nos somos daqui mesmo do Rio Gregório. Por isso que eu digo: esse pajé está lá, enterrado na cabeceira do Wakashesha, na divisão entre o Riozinho e Gregório. Esse Muka Nawa adivinhou tudo como está hoje, tudo o que falou está acontecendo. Ele disse que a gente não poderia sair para outro lugar, pelejando, adulando, a gente teria que ficar aqui mesmo nesse rio.

Os Katukina foram tirar terra lá na BR-364, mas também eles não eram daqui. Daí essa história não é trancoso, foi o que aconteceu com o Povo Yawanawa e toda essa terra que ele andou pertence a gente. Ele foi o primeiro pajé do mundo dentro do Povo Yawanawa.

Acho muito importante isso estar contado nesse livro para a geração de hoje não esquecer a nossa história...”

Luis Brasil Yawanawa,
líder e conhecedor de
plantas medicinais da aldeia
Sete Estrelas

autora: Katia Hushahu Yawanawa





Fotos: Lica Donaire

Com esse capítulo, e com os depoimentos de nossos líderes, queremos deixar a mensagem que o Povo Yawanawa, em conjunto com os irmãos Katukina, estamos há muito tempo ocupando a região do rio Gregório, vivendo em harmonia com a Floresta e a conservando para o bem do planeta Terra.

“...Essas histórias são importantes para os jovens aprenderem como era no passado... se eles não perguntarem não vão saber. Perguntar: de onde é minha avó ? De onde ela veio? Que tipo de etnia ela era ? Então o plano de vida Yawanawa é nesse rumo mesmo, para os alunos saberem como foi a história, porque se deixar assim, daqui a 10, 20 anos os alunos nem vão saber a história que aconteceu. Por isso é bom ter esse livro registrado...”

Leda Matilde, professora e líder da aldeia Matrixã



O tempo do cativo

Após o contato com a sociedade envolvente, iniciamos o desenvolvimento de atividades em conjunto com eles. Por não conhecermos as relações justas de trabalho, fomos muitas vezes enganados nas negociações. Mesmo com esses problemas, mantivemos a unidade do nosso Povo Yawanawa.

“...Antes da demarcação, a gente morava no Cachinauá e trabalhava para os patrões. Cortava seringa e fazia farinha para vender. A seringa não tínhamos liberdade para vender, porque os patrões não deixavam. Naquela época tinha muito regatão que comprava borracha, e a gente fazia isso escondido para o patrão não saber...”

Francisco Luis Panahãi Yawanawa, líder da aldeia Matrixã

“...A vida serve de história para todos. A vida no tempo do seringalista era difícil, porque era tipo uma escravidão. A gente trabalhava o tempo inteiro e recebia muito pouco tipo de ajuda. Eles maltratavam muito a gente. Por mais que a gente trabalhava, eles diziam que a gente era preguiçoso.... Com muito esforço meu pai abriu uma aldeia com o nome de Cachinauá, com todo o povo dele, lá nas cabeceiras do Gregório. O Cachinauá é um tronco de onde nasceu todos os Yawanawa. Ninguém veio de outro lugar, de outro rio. Nós não temos outro lugar fora o Cachinauá, foi lá mesmo que a gente nasceu, sobreviveu... Até essa geração todo mundo veio daquele lugar... Era muito trabalhador ele com o povo dele – moía cana; levantava duas horas da madrugada; moía de 30 a 40 latas de garapa pra fazer doce, rapadura, gramixó para vender; fazia cento e poucos panes de farinha para vender e poder sobreviver...Depois disso nós vivemos e os patrões obrigando o trabalho. E assim foi indo, mudando de patrão, e no lugar de melhorar foi piorando e a cativaria continuava, nesse sofrimento mau vivido...”

Mesmo no tempo dos patrões, tínhamos nossa filosofia e nosso jeito de cuidar do meio ambiente. Buscávamos sempre um equilíbrio entre usar os recursos e pensar no dia de amanhã.

“...A gente tinha muito cuidado com a terra também. Era para não derrubar assim as palheiras para fazer casas. Às vezes, quando estava na mata, o certo não era derrubar, era trepar e tirar as frutas, porque se derrubasse ia fazer falta. Porque se num ano tinha, se derrubasse no outro não ia ter. Não podia fazer roçado muito grande. Antigamente era assim, bem controlado, de não jogar muito tinguí no rio e nos lagos, e estamos levando esse controle até hoje...”



Foto: Lica Donaire

Francisco Luis Panahã Yawanawa, líder da aldeia Matrixã

Apesar de termos patrões, com o tempo aprendemos como lidar com eles. Mesmo de forma injusta, conseguimos sobreviver mantendo a nossa cultura. O problema maior foi quando houve uma mudança de donos da terra e chegou uma empresa que pretendia nos proibir de realizar nossas atividades tradicionais e econômicas.

“...Não podia botar roçado naquele tempo. Proibiram a gente de botar roçado porque a PARANACRE tinha comprado aquilo tudo. Os paranaenses diziam que a terra era deles, que eles tinham comprado e pago e não podia botar roçado na terra deles. E aí pensava como a gente ia ficar e como ia viver e alimentar os nossos filhos. A gente podia caçar, mas não podia botar roçado e tinha que morar naquele mesmo lugar, não tinha como mudar de um canto para outro. Era ficar só naquele lugarzinho mesmo...”

Luís Brasil, líder da aldeia Sete Estrelas

“...Naquela época a PARANACRE tinha comprado essas terras e ninguém podia cortar seringa nem botar roçado sem autorização deles. Mesmo cortando, não podia vender borracha para o regatão que passava aqui. Por isso foi muito importante a demarcação da nossa terra, para sair dessa situação...”

Francisco Luis Panahã Yawanawa, líder da aldeia Matrixã



A demarcação

A Conquista da Terra, parte 1

Com a situação de vida dos Yawanawa e Katukina ficando muito difícil, começamos a luta para ter o nosso território demarcado, com a ajuda de parceiros e amigos.

“...Eu acho que a luta pela terra começou mesmo por isso. Se a PARANACRE não tivesse apertado tanto, oprimido, talvez não tivéssemos ido para essa luta naquela época. Isso iniciou um movimento novo em busca de direitos. Lá pelo ano de 77 a FUNAI passou por aqui e começou a falar com o papai sobre a situação da gente. Depois veio o Terri, que subiu, saiu na cabeceira do rio Gregório e registrou nosso depoimento sobre a vida que a gente levava no cativeiro...Daí começou o sonho de lutar pela terra e teve ajuda de muita gente. O CIMI ajudou, a Comissão Pro-Índio...Na época foi mandada uma moça chamada Shirlei Torres Araujo, que ajudou muito...Então, na fase da conquista da terra, houve enfrentamento, com perigo de morte mesmo. Tinha um patrão muito valente, de nome Pernambuco, que era o gerente da PARANACRE. Quando nós começamos a pressionar pelos nossos direitos, nossa liberdade, para vender nosso produtos, ele desceu para o Sete Estrelas e foi buscar reforço com outro patrão chamado Correa, falando que a gente ia invadir o barracão deles...Depois que ele baixou, a comunidade decidiu ir lá e pegar toda a borracha nossa que estava guardada lá ... Quando ele chegou que viu que tínhamos pegado a borracha, se desesperou, baixou de novo e foi dizer que os índios tinham invadido o barracão e pegado toda a borracha... Daí aconteceu que a gente se reuniu com os Katukina, homens de batalha mesmo, prontos pra guerra, e fomos pedir a retirada deles...

Mas não houve enfrentamento, porque a gente atravessou do outro lado do rio para negociar pacificamente a saída deles. Do contrário, eles poderiam ter feito mal a gente. Fui eu, o Dr. Osvaldo

da FUNAI e um rapaz chamado Antônio, que hoje mora no Campinas, que era o líder dos Katukina... fomos lá e falamos – Nós não temos outra saída a não ser vocês se retirarem, sem isso não há negociação, não vai ter recuo da nossa parte. O Pernambuco, que era o valentão falou para o Dr. Osvaldo – O senhor está incentivando os índios a invadirem o barracão, está criando problemas. Ele respondeu – Não, os índios tem direito à terra, isso aqui tudo é dos índios e tem que devolver para eles... Então, depois da última etapa foi desse jeito, quando os patrões deram sinal que não tinha mais jeito, que tinham que sair mesmo. Alguns seringueiros foram tirando as coisas deles e outros não queriam sair. Daí foi formada uma comissão da aldeia para ir lá e falar para eles saírem de boa, que não teria conflitos... Tudo isso levou à aceleração do processo de demarcação. Como a maioria dos brancos já tinha ido embora, não tinha outra saída para a FUNAI, a não ser acelerar o processo de demarcação. A demarcação em si foi em 1984... O processo de conquista teve tudo isso, momentos de perigo mesmo, não foi aquela coisa de denúncia pela mídia, jornal, internet. Foi enfrentamento armado mesmo. Na época a gente tinha muito medo, mas não teve outro jeito...”

Raimundo Sales, líder Yawanawa



“...Até que um dia chegou o Terri. Ninguém conhecia ele naquela época. Estava eu e o finado Arnaldo e perguntamos para ele de onde ele vinha. Ele falou que estava chegando do Alagoas, lá do rio Tarauacá... Vinha varando de lá pra cá no Cachinauá e falou que vinha fazer uma gravação. A gente nem sabia o que era isso, a gente pensava – gravar o quê? Ninguém queria recebe-lo, mas eu era muito curioso. A gente tava com medo de falar contra o patrão, porque se o patrão soubesse poderia ficar bravo e descontar na gente...Mas decidimos – vamos falar. Papai não quis falar, Raimundo não quis falar, só quem falou foi o finado Arnaldo...Então, quando ele saiu, com muito tempo veio o chamado da FUNAI e o finado Raimundo estava com muito medo mas foi. Era um chamado para Brasília e a gente nem sabia porque ele ia para lá. Mas ia pra lá fazer o quê? Mas deixa que era para afirmar aquela gravação e falar em favor da nossa aldeia. Deixa que Deus estava abençoando aquela palavra em nossa defesa... Daí ele foi e nós ficamos fazendo borracha, sempre com aquele sofrimento, passando fome e vivendo naquela situação. Até que um dia ele voltou e disse – Me chamaram lá para que a FUNAI demarque essa nossa terra pra gente viver em paz, sem patrão. Eu nem sabia quem era FUNAI. Para mim ele tava contando uma história que ninguém nunca viu...Então, foi isso que aconteceu. Com o tempo ele era chamado, ia e voltava, e foi virando uma coisa boa para nós, pois a gente esperava uma situação de melhora pra nossa vida...”

Luís Brasil, Irder e Pajé da aldeia Sete Estrelas

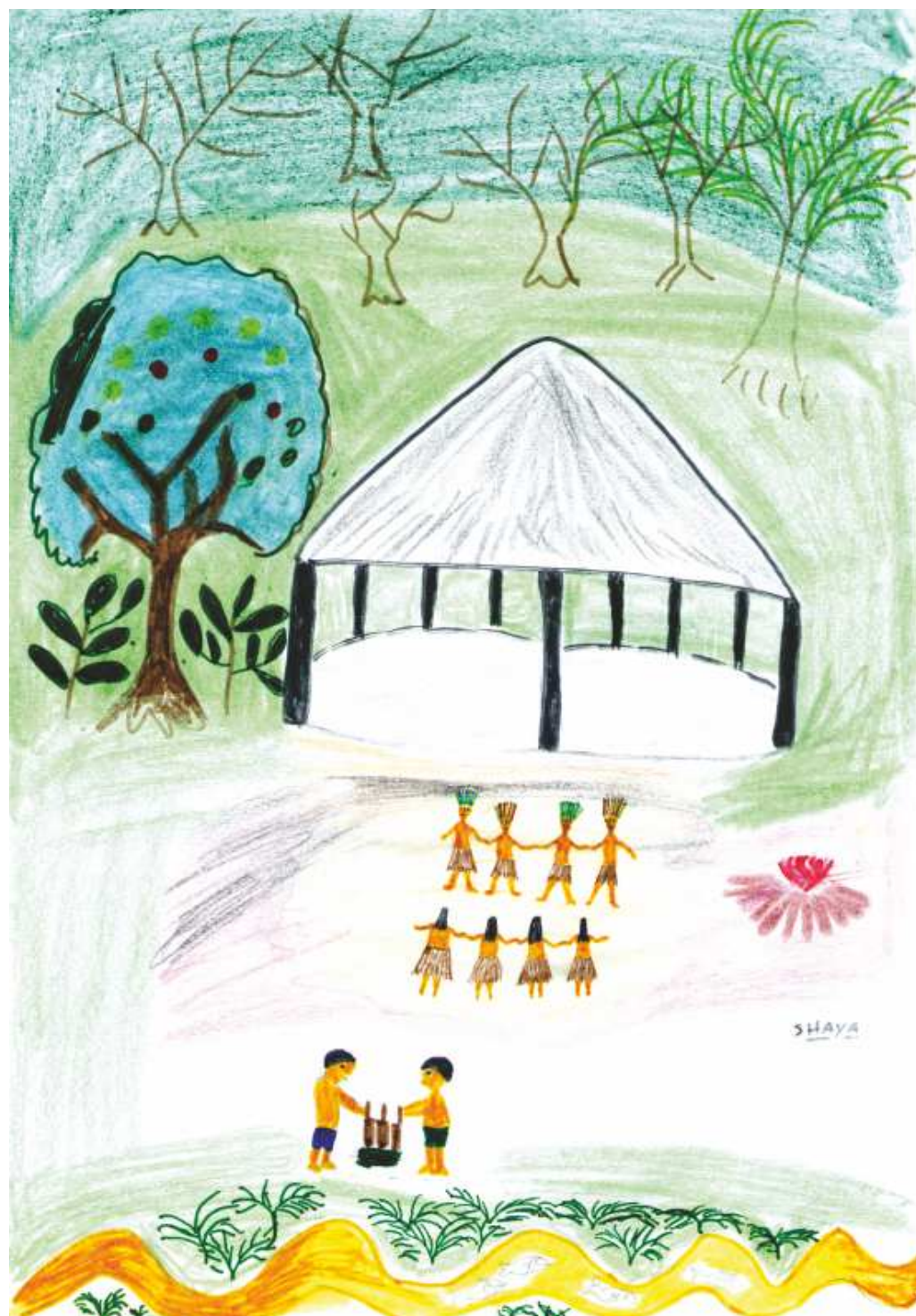


ilustração — Shaya

O momento da demarcação também foi importante para a união dos dois povos indígenas do Rio Gregório: Os Yawanawa e os Katukina.

“...A história dos Yawanawa é uma história muito longa. Toda a vida vivemos nesse rio Gregório e continuamos até hoje. Os Katukina também sempre moraram aqui. Na época, o número de pessoas era pouco. Yawanawa éramos só 79 pessoas, com todas as famílias, e Katukina eram mais do que nós. Por isso que a terra indígena foi demarcada Katukina e Yawanawa...”

Alderina Pequena Luisa Yawanawa, professora e líder da aldeia Amparo

“...Na história passada, eu me criei sem pai e mãe. Pra poder viver, eu não sabia cortar seringa, e tive que aprender com os brancos. A gente empreitava serviço e ia vivendo aqui no Gregório, na aldeia... Fiquei por aqui trabalhando, empreitando o ramal de animal. Esse igarapé Marajá aqui, eu era cansado de empreitar a cabeceira do igarapé todinho. Quando terminava aquela empreita, o máximo que sobrava eram cinco centavos... Daí vieram chegando os americanos da igreja dos missionários aqui no Sete Estrelas, onde tem essa pista velha, nós começamos a trabalhar e passamos outra dificuldade. Quem trabalhava das 6h às 6h ganhava 10 centavos, limpando e carregando barro. Então veio uma pessoa chamada Marcelo. Foi a primeira vez que vi ele aqui. Naquele tempo, o nosso pajé, que era o Tobias, pediu para chamar os mais velhos, as pessoas mais antigas, pra gente fazer uma gravação... Foi uma grande luta para a gente ganhar nossa terra. Os brancos que moravam aqui dentro, os patrões aqui no Sete Estrelas, um que se chamava Zacarias, a gente trabalhava para ele, das 6h às 6h e só ganhava aquela mixaria, trabalhando na diária. Às vezes a gente trabalhava para pagar apenas a dívida que já tinha com ele, então, depois da demarcação da terra, melhorou cem por cento a nossa vida...”

João Grosso Katukina, líder da aldeia Timbaúba

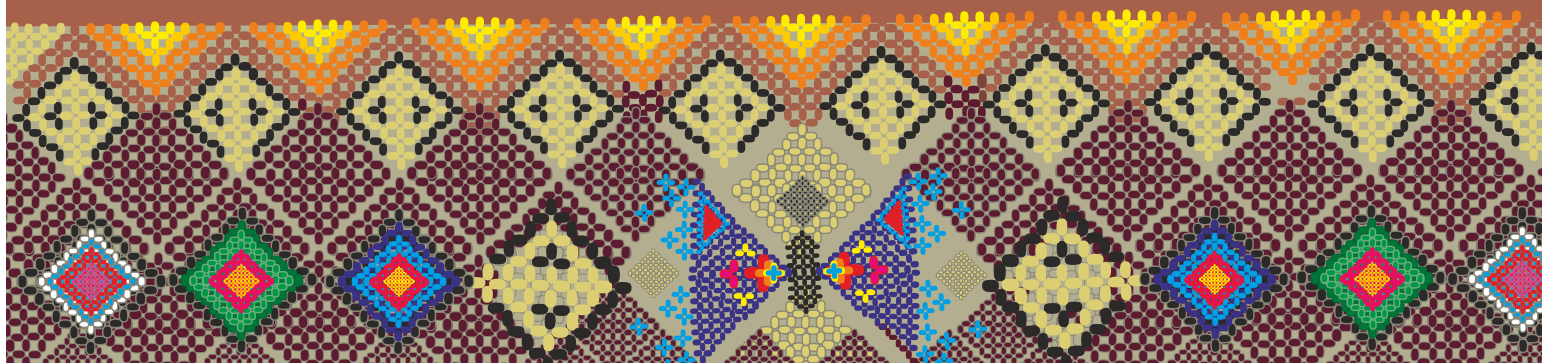
“...A luta pela terra uniu os Katukina e os Yawanawa. Foi um momento de união e colocou os Katukina em um nível de igualdade, porque antes os Yawanawa se achavam superiores a eles... Tudo isso melhorou com a luta pela terra e os Katukina passaram a colaborar muito, se juntaram com parentes e amigos e essa relação se mantém até hoje...”

Raimundo Sales, líder Yawanawa

2

NOSSOS PROJETOS

ATIVIDADES ECONÔMICAS



NOSSOS PROJETOS – ATIVIDADES ECONÔMICAS

A demarcação da terra permitiu que iniciássemos projetos econômicos e acumulássemos experiências na gestão territorial. Algumas experiências que não deram certo foram lições importantes, outras tiveram muitos resultados positivos, e toda essa vivência nos fortaleceu para conciliar os nossos ideais na relação com a sociedade envolvente.

“...Depois da demarcação conseguimos, com apoio dos projetos de parceiros, comprar mercadorias e montamos a nossa primeira cooperativa, uma cantinazinha que tinha sal, açúcar, sabão e materiais de trabalho. E o processo de continuar cortando borracha foi se mantendo, já não tinha mais o patrão...”

Raimundo Sales, líder Yawanawa

A madeira

“...No tempo da madeira ninguém sabia trabalhar com isso, ninguém sabia o que era motosserra. O primeiro serrador aqui dos Yawanawa fui eu, que aprendi com os brancos. Quando eu comecei a trabalhar, a gente juntou uma ruma de peça de madeira ali mesmo no Nova Esperança. Infelizmente, não sei o que aconteceu, não deu nada nem para nós, nem para a comunidade...Só um pouquinho de mercadoria e muito trabalho sacrificoso... Essa foi a primeira atividade que tentamos aqui, depois da demarcação da nossa terra indígena...”

Luís Brasil, líder da aldeia Sete Estrelas

“...Os projetos sociais dos Yawanawa partiram do ponto de quando produzíamos a borracha, como fonte que trazia mercadorias e abastecia as comunidades nas nossas necessidades. Essa atividade foi à falência entre 1992 e 93, quando a borracha perdeu o valor. Foi desvalorizada e tirado todo o incentivo da atividade e muitos seringais nativos foram à falência. Essa era a única fonte de renda dos Yawanawa. Então, os Yawanawa ficaram sem opção de trabalho. Foi quando nós buscamos novas alternativas, que

pudessem mobilizar social e economicamente a nossa terra indígena, sem causar dano a nossa cultura, ao meio ambiente e a nossa espiritualidade. A gente já vinha da ressaca de um projeto madeireiro, feito junto com a FUNAI em 1986, que não deu certo e foi uma grande frustração...”

Tashka Yawanawa, Irder Yawanawa e Presidente da ASCY

O urucum – Parceria com a AVEDA

A parceria com a AVEDA, mantida há 23 anos, foi um dos desdobramentos das articulações dos Yawanawa durante a ECO-92, na busca de alternativas e apoio às atividades sustentáveis na Terra Indígena do Rio Gregório.

“...A partir dessa decepção, os Yawanawa não perderam a esperança e foi quando surgiu a ECO 92, a Rio-92. Foi quando se fez o contato com a empresa AVEDA, com uma parceria onde os Yawanawa iriam produzir um corante natural de urucum que a empresa iria usar nos seus cosméticos. A parceria foi fechada e, em 1993, fizemos um grande plantio de urucum. Isso fez com que os Yawanawa, que viviam todos na aldeia Kaxinawa, fundassem a aldeia Nova Esperança, onde todos vieram morar. Junto com esse projeto social surgiram também outros projetos sociais, como a escola, educação e saúde...”

Tashka Yawanawa, Irder Yawanawa e Presidente da ASCY



Fotos: Tashka Yawanawa



“...Nesse tempo o projeto que começamos foi o da AVEDA. No começo foi plantar urucum. A gente já tinha tentado com seringa, madeira, e juntou todo o mundo que estava espalhado nas colocações. A gente achou bom o trabalho com o urucum, porque o pessoal trabalhava com a própria família e dormia na mesma casa, então o pessoal ficou animado e começou a plantar... O Bira trouxe as sementes e combinamos de morar mais embaixo, onde é hoje o Nova Esperança, para ajudar a tomar conta do viveiro de mudas do projeto da AVEDA...Veio um técnico de Rio Branco, quando chegaram sementes de guaraná, café, castanha, urucum, pupunha...Veio mercadoria também e tinha o escritório em Tarauacá, que ajudava a administrar essas coisas. Fizemos o plantio e começamos a produção dessas plantas, algumas deram certo e outros ficaram só um tempo mesmo. A castanha eu lembro que foi dar com 13 anos , o guaraná e o café morreram...Só aguentou mesmo o urucum, a pupunha e castanha. Com esse mesmo projeto começou a melhorar a saúde a educação. Ainda não tinha escola nem posto de saúde, mas o projeto trouxe essas coisas para nós... Hoje esse projeto continua, já tá com 23 anos...”

Antonio Gilberto Yawanawa, Irder e Agente Agroflorestal Indígena da aldeia Escondido



O couro vegetal

A atividade de borracha sempre foi muito ligada à história recente dos povos indígenas do rio Gregório. Com essa vivência, nos anos 90, estabelecemos parcerias para tentar reativar essa atividade com produtos que pudessem agregar a nossa cultura com o extrativismo.

“...Com o tempo surgiu também o projeto couro vegetal da Amazônia, com a TreeTap em parceria com uma empresa brasileira. Essa parceria infelizmente durou pouco e não teve continuidade, por diversos problemas com a própria empresa e deficiências da comunidade, mas tivemos experiências incríveis na produção e inserção no mercado em conjunto com as comunidades...”

Tashka Yawanawa, Irder Yawanawa e Presidente da ASCY

“...Depois que conseguimos o projeto do couro vegetal, a gente voltou a cortar seringa pra fazer o couro vegetal. A gente já sabia cortar e aprendeu essa técnica, mas por alguns problemas não tinha assim tanto recurso e o pessoal foi desanimando. Deu certo por um tempo e foi muito bom aprender essas técnicas...”

Antonio Gilberto Yawanawa, Irder e Agente Agroflorestal Indígena da aldeia Escondido

O óleo de andiroba

Os nossos aprendizados levaram a articular outras parcerias que evoluessem as nossas comunidades e o entorno em atividades sustentáveis e assim surgiu o projeto de extração de óleo de andiroba.

“...Depois da empresa TreeTap, iniciamos com a AVEDA também um projeto de andiroba, com apoio do Fundo Nacional de Meio Ambiente. Montou-se uma empresa aqui em Tarauacá, ela funcionou por dois anos muito bem, até 2008, mas algumas atividades não tiveram continuidade e foi fechada essa usina...”

Tashka Yawanawa, Irder Yawanawa e Presidente da ASCY

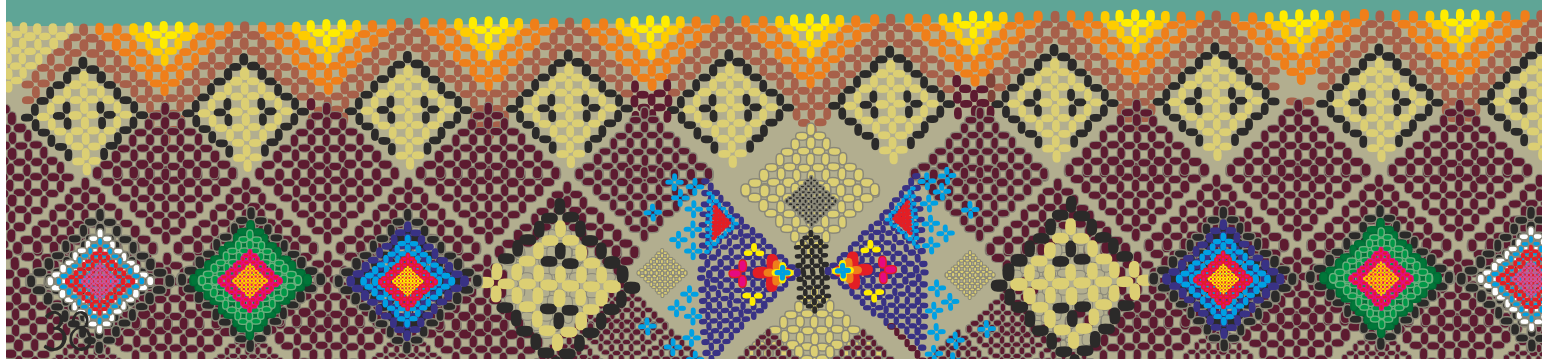
“...O projeto de coleta de óleo de andiroba foi um projeto grande, que deu nome e imagem para o Povo Yawanawa, mas depois de um tempo não foi muito pra frente, por falta de preparo e falta de capacitação... O pessoal que tocava o projeto era mais jovem, sem experiência e com muita vaidade ainda... Mas serviu para divulgar muita a gente...”

Raimundo Sales, Irder Yawanawa

3

NOSSAS INICIATIVAS

CULTURA E TERRITÓRIO



NOSSAS INICIATIVAS – CULTURA E TERRITÓRIO

A revitalização cultural e o etnoturismo

Nos anos 2000, nós, Yawanawa e Katukina, sentimos que nosso modo de vida estava bastante alterado e que passávamos por transformações que eram diferentes da nossa ancestralidade como povos indígenas. Essa avaliação foi muito importante para iniciarmos uma série de atividades que possibilitaram o reencontro com os nossos propósitos e valores.

“...Um grande passo daquele momento foi em 2002, quando fizemos uma grande reflexão sobre o que éramos no passado, como estávamos atualmente e o que gostaríamos de ser no futuro, como a gente se via no futuro. Foi daí que, junto com os mais velhos, em um dia 04 de outubro, realizamos uma grande reunião na antiga usina de andiroba. Nessa reflexão vimos que tínhamos deixado muito dos nossos costumes culturais e espirituais adormecidos e estávamos mais ligados à cultura ocidental. Então, perguntamos ao meu pai, Raimundo Itukuru, ao Tatá, ao Yawa e demais pessoas das outras aldeias, Tio Luís e Tio Chicó, o que poderíamos fazer para podermos resgatar e fortalecer a nossa cultura. E a forma que encontramos foi organizar uma grande festa anual. Nós chamamos de semana da celebração do canto, da dança, da arte, da cura e da manifestação espiritual Yawanawa, organizada no ano de 2002... Essa semana da celebração Yawanawa teve um impacto muito grande dentro da aldeia e nós fizemos também o documentário “Yawa, a História do Povo Yawanawa”... Esse documentário Yawa rodou o mundo, foi feito em 9 línguas: Yawanawa, Português, Inglês, Espanhol, Italiano, Coreano, Alemão, Japonês e Francês... Então, daí surgiu um redescobrimento, um renascimento Yawanawa! Me lembro que meu pai, muito emocionado na primeira festa, quando viu tudo mundo pintado, de cocar, falou – “Agora eu posso morrer em paz, que eu já tinha visto os Yawanawa desse jeito nos meus sonhos e hoje vi realmente... Eu sei que eles nunca mais vão voltar a ser aqueles Yawanawa que a gente vinha sendo...”

TashKa Yawanawa, Líder Yawanawa e Presidente da ASCY 39



“...Surgiu também a ideia da grife Yawanawa, a partir das observações de vários desenhos tradicionais nossos no corpo e nas coisas da gente. Lançamos em 2006 a Grife Yawanawa, uma coleção de roupas com os desenhos Yawanawa. Essa grife estourou no mercado nacional, foi de grande sucesso, trouxe grande benefício para as comunidade e ajudou a promover o nosso povo, que começou a ser mais conhecido no mundo todo....Tudo isso despertou no Acre a oportunidade de fazer uma nova política, mostrar que o Povo tinha seu valor e, com isso, passamos a ganhar o respeito do governo do estado do Acre, acontecendo do próprio governador visitar as nossas aldeias. Antes nenhum governador tinha visitado a nossa terra... Então, foi criado um movimento dos Yawanawa com o mundo lá fora... Também fizemos o documentário com o ator Joaquin Phoenix, que teve uma vivência na Terra Indígena Rio Gregório. A vinda dele como um ator famoso de Hollywood deu uma visibilidade muito grande, porque o documentário “4REAL Yawanawa” foi exibido em 166 países, o que deu uma visibilidade muito maior para os Yawanawa... Temos buscado novas parcerias e sempre buscamos isso. Criamos também o “Mariri Yawanawa”. Foi feito o primeiro no final de 2008 e 2009, voltado a ser uma alternativa para favorecer as comunidades... O Mariri continua acontecendo todo mês de julho. Agora, nesse ano, aconteceu o quarto. Então, reúnem-se todas as aldeias, com poucas pessoas de fora para visitar os Yawanawa e conviver com a gente... Nesse processo, criamos o Centro Cerimonial de Cura e Terapia Yawanawa, uma escola, um centro de aprendizado da espiritualidade Yawanawa, o qual é comandado pelo Paulo Matsini e o Tata Txanu, que é o pajé mais antigo e sábio do nosso Povo. Também a Mariazinha, líder que também fez as dietas, a pajé Hushahu também, que foram as primeiras mulheres Yawanawa... Isso é a nossa cultura, que também não é estática, vai mudando... Criamos uma política de valorização das mulheres, dos mais velhos, das crianças...”

Tashka Yawanawa, líder Yawanawa e Presidente da ASCY



Foto: Belo Borges



Foto: Belo Borges



Foto: Luca Donaire

“...A revitalização cultural aconteceu de um modo geral, tanto do ponto de vista dos festivais, da questão espiritual, quando a gente voltou a estudar a ciência do pajé, da cura, da medicina, todos os aspectos do mundo material, espiritual, ligados à cultura, a própria fala da língua. Por exemplo, eu comecei a falar nossa língua depois de adulto, quando criança eu não falava, quando criança eu não sabia, e quando jovem eu ouvia e pensava —“Vou ter que aprender a falar a minha língua!”. Sabendo do valor que ela tem e dos estímulos que a gente recebia pela admiração das pessoas com a nossa cultura, assim como eu, muitas pessoas tiveram esse interesse, muitos adultos Yawanawa estão falando, outros estão tentando... E várias outras práticas da nossa própria cultura, que estamos tentando manter, tudo isso se deu tendo como referencia o papai para inspirar a gente. O papai já tinha no sangue um pressentimento das causas que o mundo ia abraçar, a causa da floresta, do meio ambiente... Ele não aceitava que ninguém derrubasse uma árvore. Ele perguntava, quando via isso — Quem foi que derrubou aquele pé de bacaba, aquele pé de fruta? Ele não aceitava que se fizesse isso. Ele tinha uma visão de futuro. Por exemplo, essa questão cultural: até nas fotos antigas, tem uma que ele tá colocando um chapéu de pena de papagaio no Paulo, meu irmão mais novo... Ele era um apaixonado pela nossa cultura mesmo. Ele dizia: — Meus filhos, por que vocês não fazem como antigamente? A gente brincava assim, cantava assim, usava assim. Dessas ideias que nasceram os festivais. Ele foi o autor, o mentor, o idealizador de tudo isso que estamos vendo hoje, por isso temos que homenageá-lo nesse livro...”

Raimundo Sales, Irder Yawanawa

Entre os projetos que desenvolvemos, a partir do processo de revitalização cultural, está o Etnoturismo. Primeiro começamos com os festivais, conciliando as nossas expressões culturais com a vivência com os não índios. Aperfeiçoando essa iniciativa começamos a realizar atividades em algumas aldeias, com pequenos grupos de turistas que desejavam conviver com os nossos costumes e a nossa cultura.

“...Começamos em 2011 uma primeira experiência, com 15 ingleses que vieram nos visitar, e deu certo, porque conseguimos distribuir os recursos arrecadados para todo mundo que participou. Agora temos o Centro de Visitantes que estamos montando aqui no Mutum e pretendemos montar outro no Matrixã, que pode servir para outros eventos. Assim, como as pessoas fazem cursos lá nos Poyanawa, nos Katukina do Campinas e Caucho, podem fazer aqui também... Para os turistas, cada aldeia pode oferecer uma atração: no Tibúrcio tem o barranco vermelho; na aldeia Escondido tem as pedras que estão ligadas com a nossa história Yawanawa; no próprio Matrixã tem os lagos; chegando no Mutum temos o Centro Cerimonial; e agora podemos incluir o Amparo e o Timbaúba, que por si só é uma atração, pois pertence a outro Povo, os Katukina, e ainda tem o Yawarani... Criamos outro ponto agora que é o Centro de Medicina na Aldeia Sete Estrelas, através da pessoa do Seu Luis, que é a pessoa que mais conhece de plantas medicinais tradicionais e que também vem recebendo visitantes...”

TashkaYawanawa, Irder Yawanawa e Presidente da ASCY

A Revisão de limites e o nosso entorno – Conquista da Terra, parte 2

Apesar de termos nosso território demarcado, sempre entendemos que os limites estavam errados. Nossos locais sagrados desde o tempo do pajé Muka Nawa estavam de fora, deixando de contemplar locais essenciais para os nossos Povos Katukina e Yawanawa. Ao mesmo tempo, no nosso entorno percebíamos ameaças grandes, como a exploração madeireira e as práticas predatórias. Nesse cenário, decidimos novamente lutar por nossos direitos ancestrais.

“...Então criamos novas aldeias, porque quando a terra indígena foi demarcada, em 1986, com 92.860 hectares, muitos sítios sagrados, de caçadas e de pesca ficaram fora da demarcação. Então nós pedimos a revisão de limites, que era a nossa necessidade. Uma forma da gente reafirmar que era nossa terra era ocupar, então fundamos mais sete aldeias ao longo do rio Gregório, para mostrar a nossa ocupação territorial tradicional. Por isso, em 2003 começamos uma luta para a revisão dos nossos limites e em 2005 foi publicada no diário oficial da união, reconhecendo essa revisão do nosso território. Por isso nós somos a primeira terra indígena do Brasil que teve revisão e também fomos a primeira terra indígena demarcada no estado do Acre.”

Tashka Yawanawa, Irder Yawanawa e Presidente da ASCY

“...Os estudos de revisão de limites da Terra Indígena Rio Gregório foram iniciados em 2004, acabando por delimitar cerca de 190.000 hectares como a extensão atual da terra indígena. Após o reconhecimento pela FUNAI desta nova extensão, em 2006, esta terra foi recentemente declarada pelo Ministério da Justiça...”

Relatório Síntese do Etnozoneamento, ACRE, 2006

Estamos cientes que não moramos sozinhos nesta região do Acre, por isso cuidamos para ter boas relações com nossos vizinhos do entorno, ao mesmo tempo em que permanecemos atentos com projetos que possam danificar o nosso meio ambiente.

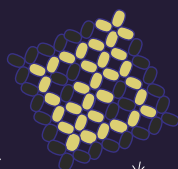
“...Nós sempre tivemos um bom relacionamento com os ribeirinhos que viviam na nossa terra. Quando temos as nossas festas eles vão participar nos trabalhos, quando os Yawanawa precisam de alguma ajuda na beira do rio, motor que quebrou, precisam de alguma ajuda, eles oferecem isso com muito carinho. Tem até relacionamento forte familiar, de casamentos, filhos de seringueiros com Yawanawa e vice-versa, neste trecho até o São Vicente. O entorno pra gente é trabalhar com a política da boa vizinhança. Essa é uma política local de quem vive perto da nossa terra... Uma outra política grande que temos enfrentado e tentado dialogar, seja de forma diplomática ou de protesto ou campanha, são esses grandes latifundiários que se dizem donos da terra. Muitos nem conhecem o Acre, nunca pisaram aqui, como esse apresentador de televisão, o Ratinho, que vem de um rolo muito grande desde do tempo da Paranacre... Teve a ver com essa queda da borracha, a estrada fechada e foram vendendo as terras. Quando a estrada abriu de vez eles voltaram, fazendo várias negociações, que fizeram com que esse Ratinho quisesse explorar madeira na região. A gente conseguiu impedir essa exploração e isso fez parte da luta da nossa revisão de limites... Mas quero dizer que nós estamos atentos a esses projetos das políticas de governo, estradas, prospecção de petróleo, de óleo, gás natural...Estamos muito atentos para sempre preservar o nosso território....”

TashkaYawanawa, Irder Yawanawa e Presidente da ASCY



Foto: Tashka Yawanawa

LINHA DO TEMPO DA



O TEMPO DE ANTIGAMENTE FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

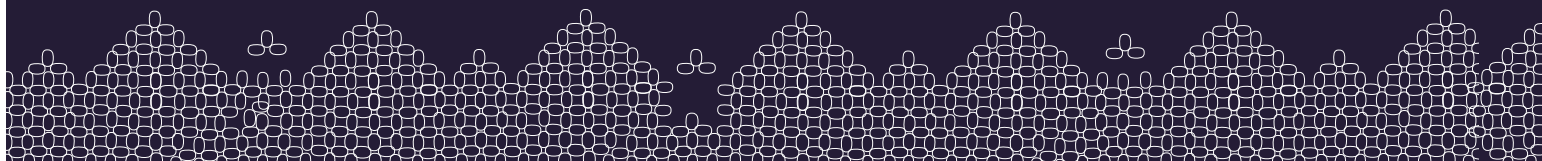
- A NOSSA VIDA TRADICIONAL
NO TERRITÓRIO ORIGINAL DO
RIO GREGÓRIO
- O CONTATO COM OS
NAWA (BRANCOS)

O TEMPO DOS PATRÕES (1910 A 1970)

- A FUNDAÇÃO DA
ALDEIA CACHINAUÁ
- O TRABALHO COM A SERINGA
E OS SERINGALISTAS
- A CHEGADA DOS
NAWA DA PARANACRE

A LUTA PELA TERRA (1970 A 1984)

- A NOSSA REAÇÃO A PROIBIÇÕES
DA PARANACRE
- A BUSCA DE PARCEIROS
NA LUTA
- O ENFRENTAMENTO DOS PATRÕES
- ENFIM, A DEMARCAÇÃO
(PRIMEIRA TI DO ACRE)



TERRA INDÍGENA RIO GREGÓRIO

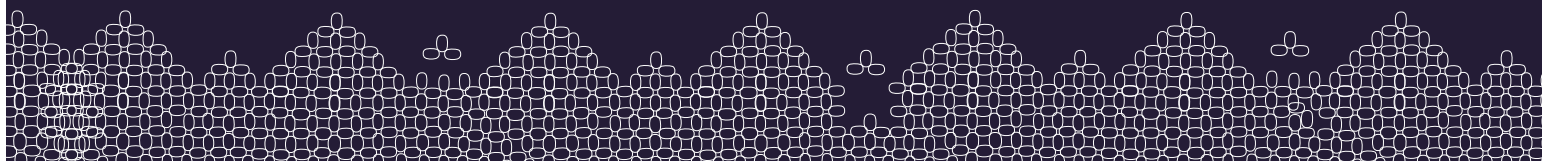


NOSSOS PRIMEIROS PROJETOS (1992 A 2002)

- A TENTATIVA DE TRABALHAR COM MADEIRA
- A PARCERIA COM A AVEDA
- O TRABALHO COM COURO VEGETAL
- A VOLTA DA NOSSA CULTURA
- A FÁBRICA DE ANDIROBA
- O NOSSO TRABALHO COM O ENTORNO
- A CONQUISTA DO NOVO TERRITÓRIO AMPLIADO

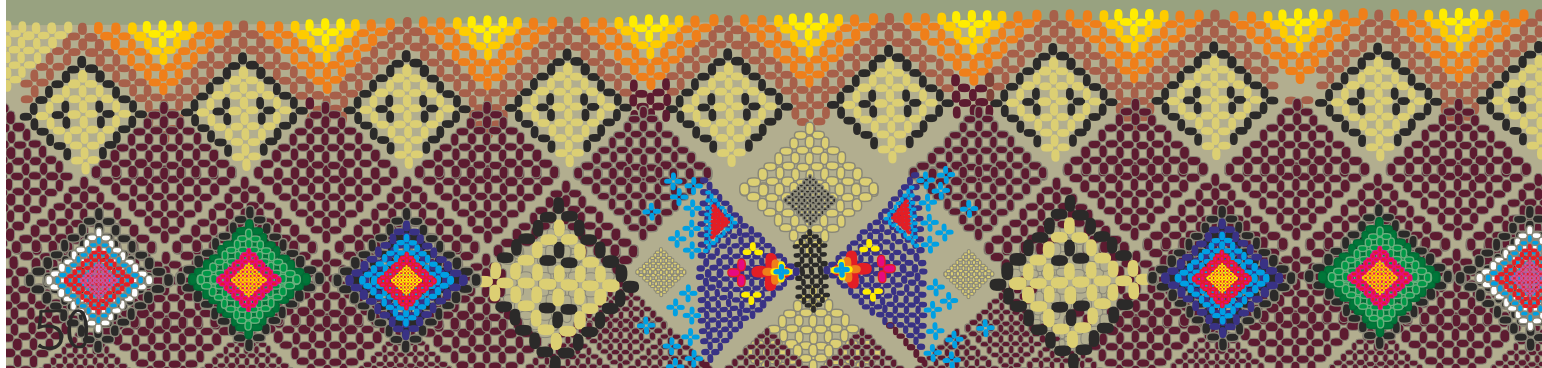
OS NOSSOS PROJETOS ATUAIS (2006 ATÉ OS DIAS DE HOJE)

- O PLANO DE GESTÃO
- O ETNOTURISMO
- O PLANO DE VIDA
- A NOSSA GOVERNANÇA



5

PLANO DE VIDA
DA TERRA INDÍGENA RIO GREGÓRIO



O PLANO DE VIDA DA TERRA INDÍGENA DO RIO GREGÓRIO

O Plano de Vida Yawanawa é o desdobramento de várias iniciativas das nossas comunidades, com uma visão de futuro para as novas gerações. O processo é a continuidade do nosso Plano de Gestão Territorial e Ambiental, envolve todas as aldeias interessadas e consideramos o nosso maior projeto. “...Esse projeto que nós estamos chamando de Plano de Vida Yawanawa, é um sonho, é um sonho que um dia poderá tornar-se realidade. Eu gostaria de convidar cada um de vocês, para fazer parte e contribuir juntos, para ser um projeto originalmente, organicamente Yawanawa. Vindo da nossa cabeça, vindo de nossas ideias...Nós estamos trabalhando um projeto para 10 anos, estamos trabalhando para essa e futuras gerações. Daqui a 10 anos, quem tem 10 vai ter 20. É bom que todas as crianças venham aqui escutar e participar, pois é pra eles que estamos trabalhando. Queremos criar um mecanismo que assegure o nosso povo em nosso território, vivendo uma vida digna na floresta... Nós não podemos reinventar a roda novamente, tem que ser algo que venha apoiar o que os Yawanawa já vem fazendo desde os tempos imemoriais. Por exemplo, nós, os Yawanawa, já prestamos um serviço ambiental, um serviço da natureza de proteger e usar sem degradar o meio ambiente. Isso já é um serviço ambiental....”

Tashka Yawanawa, Irder Yawanawa e Presidente da ASCY



Fotos: Lica Donaire



“...Pra mim é o maior projeto, de toda nossa história, que já se pensou, que se criou em nossa terra indígena, de todos os tempos, da nossa vida e da nossa história... Somente um projeto grande pode trazer pra nós a dignidade. O que é viver dignamente? É viver como ser humano. Uma pessoa que anda calçado, ele anda com dignidade, uma pessoa que anda descalça está correndo todo o risco, no chão que ele tá pisando descalço. Pela falta de recursos, ele não pode comprar uma sandália. A falta de condição deixa uma pessoa sem dignidade, de viver e de interagir com a sociedade ao seu redor. Quando você tá doente, não pode comprar um remédio. Você quer ir pra um canto, você não tem um barco. A sua vida tá sendo uma vida sem dignidade... Então, esse grande projeto é trazer de volta pra nós a nossa dignidade, para nós que estamos vivos. É um projeto que se preocupa com o futuro do nosso povo. Na proteção de nosso território, no fortalecimento da nossa cultura, resgatando aquilo que é importante, que nós perdemos, da educação de qualidade. Não é um projeto que agride o meio ambiente, não é um projeto de desmatamento, ao contrário, é um projeto que nos ajude a proteger ainda mais o nosso meio ambiente. Só que essa preservação não mexe com nosso meio de vida, não vai mudar em nada. Não vamos deixar de fazer nossos roçados. Não vamos deixar de pescar nossos rios. Não vamos deixar de caçar. Nada será alterado... Hoje a falta de água no mundo, o aquecimento global, está fazendo com que o mundo fique mais quente... Olhem essa alagação que acabou de acontecer. Nunca deu nenhuma parecida em toda nossa história. A seca está tomando conta do planeta. E as empresas e governos do bem, querem fazer algo de bom para o planeta e para as pessoas, querem sair na frente e dizer que sua organização protege o meio ambiente, que apoiam, financiam projetos que protegem o meio ambiente, pra que aqueles tantas hectares de terra sejam preservados, para que nas florestas virgens ninguém toque. São parcerias que vem nos ajudar e não nos escravizar como faziam os patrões seringalistas, que nos forçavam a abrir ramais, fazer estradas de seringa...”

Raimundo Sales, Irder Yawanawa



“...Se a gente errar nesse projeto e precisar recomeçar, a gente repete de novo, quantas vezes for necessário, até acertar. Nós não vamos parar com medo de errar. Isso serve de motivação para essa nova geração, que ficará no nosso lugar. Vocês terão orgulho de nossa bravura e coragem e não de nossa covardia. Vamos em frente, gente! Porque daqui um tempo são vocês que vão dar continuidade. Então eu quero dizer assim. Vocês não são meus parentes, vocês são minha família!...”

Mariazinha Luisa Naiweni Yawanawa, líder da aldeia Mutum

“...O plano de vida Yawanawa é como uma árvore. Ela tem vários galhos. Um dos galhos que nós podemos desenvolver junto com a AVEDA, tem outros parceiros como o governo do estado, a Forest Trends, a Comissão Pro-Índio... A gente não vai inventar em nada diferente do cotidiano, do que a gente já vive, do que a gente já faz. Nós vamos apenas melhorar para que a gente possa ter atividades fortalecidas e que tragam bons frutos, tragam benefícios para o nosso Povo. Então é esse o Plano de Vida Yawanawa que nós estamos trabalhando agora... Não é uma coisa que estamos criando ou inventando, é uma forma de melhorar as nossas vidas... Ninguém trabalha só, assim como aqui na comunidade ninguém faz nada sozinho... Por isso precisamos somar e chamar novos parceiros...A nossa ideia do plano de vida é juntar todas as demandas para chegar na auto sustentabilidade da comunidade. Não temos os valores ainda definidos, mas cada atividade vai ter um projeto, pensando com um Povo, numa nova economia. Não vamos resolver todos os nossos problemas, mas vamos aplicar no que for viável, segundo os estudos nossos e de nossos parceiros... Esse projeto é o nosso desafio de pensar e planejar a longo prazo, como um Povo...”

TashkaYawanawa, líder Yawanawa e Presidente da ASCY

Para tornar o nosso Plano de Vida participativo e autônomo, criamos uma estrutura de governança com as representações de todas as aldeias envolvidas neste projeto. Denominamos esse grupo como Conselho Gestor do Plano de Vida Yawanawa, que terá autonomia para a tomada de decisão sobre como usar os recursos e monitorar as ações de cada comunidade.

“...Tem que ver quanto custa esse plano. Também temos medo, pois não adianta nós, os Yawanawa, termos milhões na conta e ficarmos brigando entre nós. Não podemos perder o elo que temos com a natureza, com nossa espiritualidade, para não transformarmos a aldeia num modelo de cidade...O dinheiro tem que vir para a aldeia com um destino, para aplicarmos naquele plano, por isso nós criamos o Conselho Gestor, que é o conselho de lideranças Yawanawa, que vai reger o plano de vida Yawanawa. Eu, como presidente da associação, não vou poder decidir nada a respeito de projeto, de dinheiro sem antes passar pelo conselho. Nós vamos criar o Fundo Yawanawa e não vai sair um centavo sem o Conselho destinar para onde vai cada recurso. Cada comunidade vai apresentar seu projeto para o conselho e ele vai aprovar. Se chegar no final do ano e ela tiver executado conforme ela se comprometeu, ela poderá no outro ano aplicar para outro projeto. Senão ela terá que terminar para depois pensar em outro...Nossa visão é que as comunidades tenham autonomia e o conselho não seja o patrão, apenas o orientador desse processo...”

TashKaYawanawa, Líder Yawanawa e Presidente da ASCY



Foto: Tashka Yawanawa



Foto: Tashka Yawanawa

O PLANO DE VIDA



I-CULTURA



- Incentivar os mais velhos, que são a memória viva do nosso Povo, para ensinarem e passarem o conhecimento tradicional para os mais novos. Para isso será importante termos uma escola tradicional exclusivamente indígena para ensinar a língua Yawanawa (NukeTsäi);
- Continuar realizando nosso Festival Mariri Yawanawa, porque ele é baseado na cultura Yawanawa na sua essência, e organizar um calendário cultural em cada aldeia com danças, brincadeiras, mutirões, comidas e outras práticas;
- Construir um museu Yawanawa para guardar os nossos materiais e objetos históricos, para manter a memória do nosso Povo, e também espaços de arte equipados em todas as aldeias.

- Manter nossos costumes, que levam à união e harmonia do Povo Yawanawa, com o fortalecimento do nosso Centro Cerimonial para a formação de pajés e construir um Shuvu em cada aldeia e casas confortáveis para nossos Velhos, para o aprendizado da cultura Yawanawa. É importante morarem bem, para ensinarem seus conhecimentos tradicionais;
- Promover atividades de intercâmbio cultural entre os Povos Yawanawa e Katukina;
- Realizar atividades de formação para o registro audiovisual dos conhecimentos Yawanawa;





Foto: Beto Borges

II- EDUCAÇÃO HOLÍSTICA YAWANAWA



- Fortalecer a educação tradicional Yawanawa (Mesenai) que inclui tudo: língua, respeito aos velhos, histórias. Tudo isso é repassado de pai para filho e os professores tem que pesquisar e saber repassar para seus alunos. Para isso é importante produzir materiais didáticos na própria aldeia;
- Apoiar as comunidades que estão fortalecidas na língua indígena;
- Garantir recursos para pagar os “ensinadores” das aldeias, pajés, mulheres-artesãs e que ensinam pinturas para as mais jovens, para enriquecerem as aulas com a educação cultural;
- Garantir equipamentos e materiais de apoio logístico para que os Velhos possam se deslocar para obter as suas plantas medicinais e outros recursos culturais;
- Construir e fundar uma escola tradicional da cultura Yawanawa, que reúna todos os velhos e professores para o ensino da cultura tradicional. Esta escola poderá ser o Centro Cerimonial;
- Apoiar os jovens Yawanawa para entrarem na universidade. Os jovens tem que ter o compromisso de voltar a trabalhar na aldeia;
- Elaborar projetos político pedagógicos no ensino básico e aplicar os projetos já existentes de quinta a oitava série;
- Instalar bibliotecas indígenas nas escolas das aldeias, com acervo de toda a história do Povo Yawanawa, e apoiar os professores indígenas para pesquisarem a floresta e seus recursos;
- Executar a regionalização da merenda escolar, por ser mais adequada para os nossos jovens e também por fortalecer a produção nas aldeias;
- Criar normativa que dê autonomia às escolas Yawanawa/Katukina na contratação de equipe de apoio (merendeiras, serventes, e outros profissionais de apoio);



- Construir escolas com estrutura adequada e equipadas (materiais audiovisuais, incluindo datashow), que atendam às necessidades dos nossos alunos para aprenderem com boas condições, com modelo arquitetônico decidido pela própria comunidade e construídas pelo governo;
- Garantia de condições de transporte escolar para os alunos indígenas e equipamentos adequados para o deslocamento dos assessores pedagógicos;

III-FORMAÇÃO

As aldeias da TI Rio Gregório têm grandes projetos, mas precisamos de mais apoio para melhorar nossas atividades, como cursos de educação ambiental, agricultura orgânica, artesanato, associativismo, sistemas agroflorestais e extração de óleos da floresta.

Artesanato: Nas nossas matas tem muitas sementes para fazer artesanato, mas não temos boa formação e equipamentos. Existe muita produção de artesanato nas aldeias Yawanawa, tanto pelas mulheres quanto pelos homens, mas precisamos melhorar a qualidade dos produtos com as seguintes ações;

- Fortalecimento da Cooperativa das Mulheres Yawanawa;
- Treinamentos e equipamentos para a confecção de artesanatos Yawanawa a partir das matérias primas que temos nas nossas aldeias, em parceria com estilistas e designers para a confecção das peças, com a instalação de máquinas de costura e outros equipamentos e reativação da grife Yawanawa;
- Treinamentos em esculturas indígenas para as comunidades, incluindo bancos, mesas e outros mobiliários.





Mecânica de Motores e Fabricação: Nas comunidades existem muitos motores, que ficam parados por falta de conserto. As comunidades compram muitos barcos de Cruzeiro do Sul, precisamos fabricar e manter nossos barcos. Para isso devem ser realizadas ações de formação como:

- Cursos de mecânica de motores e conserto de barcos de alumínio, com oficinas equipadas em cada aldeia;
- Curso para habilitação na condução dos barcos;
- Curso para construção de barcos grandes de madeira para o transporte da produção, com capacidade de 2 a 3 toneladas;

Medicina Tradicional: A medicina tradicional é pouco usada e está sendo esquecida, pois poucas pessoas sabem usar. Precisamos incentivar os mais jovens a aprenderem a usar a medicina e valorizar e respeitar internamente os velhos que tem esse conhecimento.

- Formação e apoio à criação de jardins medicinais nas aldeias e promoção de intercâmbios entre os velhos das diferentes aldeias que tem esse conhecimento.

Parteiras: Temos muitas parteiras que precisam de oficinas de cuidados de saúde.

- Formação diferenciada de parteiras, respeitando e incluindo os costumes tradicionais e prevendo o kit de parteira para as aldeias, com a construção de casas de parteiras equipadas e higienizadas.

Agentes Agroflorestais (AAFI's): Os agentes agroflorestais precisam ter contratos definitivos e, além de receberem formação, precisam também de materiais como: farda, barco, motor, combustível, ferramentas, roçadeira, motosserra, GPS, máquinas fotográficas, radiofonia para comunicação entre as aldeias e instituições (FUNAI, SESAI, IBAMA, etc.), sementes e mudas.





Acervo ASCY

- Formação de um AAFI em cada aldeia da terra indígena;
- Viagens de intercâmbios dos AAFIs dentro e fora do estado do Acre;
- Oficinas de AAFIs dentro da terra indígena, como por exemplo de legislação ambiental.

Outras Formações Adicionais:

- Curso de língua inglesa para os jovens Yawanawa;
- Cursos de informática completo;
- Curso de eletricista;
- Curso de registros audiovisuais;
- Cursos de carpintaria e marcenaria, com a instalação de uma mini-serraria móvel para cada comunidade, para aproveitamento das madeiras caídas e dos roçados, e também uma oficina de ferreiro equipada para cada aldeia;
- Curso de criação de pequenos animais (peixes, aves, suínos, abelhas, melíponas, etc..)
- Curso de melhoria de qualidade da farinha.

IV-SAÚDE

- Elaborar um Programa de Saúde Yawanawa para formação de agentes de saúde e parteiras e a catalogação de plantas medicinais Yawanawa, em conjunto com a implantação dos jardins medicinais nas aldeias (com o apoio do Dr. Paulo B. Alencar e outros parceiros). Deve ser incluído no programa de saúde um nutricionista, para alertar sobre os problemas com os alimentos que vem de fora da terra indígena;

- Acelerar a formação de médicos e técnicos em enfermagem Yawanawa, que também devem aprender a medicina tradicional, de um microscopista para cada aldeia e de dentistas ou especialistas em saúde bucal Yawanawa;
- Construir postos de saúde equipados em cada aldeia, que também possam ser usados para armazenar as plantas medicinais;
- Adquirir uma casa de apoio à saúde equipada para os Katukina e Yawanawa na cidade de Tarauacá, que conte com um veículo pequeno para o transporte dos pacientes dentro da cidade.



V– CAÇA E MANEJO DE ANIMAIS SILVESTRES

As caças são o sustento das famílias. Assim com as palmeiras e outros recursos, as caças estão se distanciando. Com o aumento da população, existe uma maior demanda por carne de caça, por isso as mesmas estão sumindo, cada vez mais. Para trazer as caças mais para perto, precisamos planejar a criação de galinha, patos, peixes.

■ Fortalecer os acordos que já temos com relação à caça, como:

- Não caçar com cachorro. A caça com cachorro é permitida somente nos roçados, para matar e espantar os bichos que comem as plantações, como cutia e outros;
- Não vender carne de caça, pois ela serve apenas para o consumo das famílias;
- Não fazer caçadas predatórias de aves para a confecção de chapéus ou cocar para a comercialização;
- Ao serem encontrados bandos na mata, matar somente para comer, não matar todos os animais, pois matar muita caça era tradição dos Yawanawa e Katukina, mas agora temos que fazer manejo;
- Não caçar mais os filhotes de jacaré, pois estão quase acabando na T.I. Rio Gregório, só existem nos lagos;
- Os parentes do Campina, convidados pela Liderança Katukina, têm direito a visitar, caçar e pescar na área dos Katukina na T.I. do Rio Gregório. Durante a visita devem consumir e levar rancho apenas em pequenas quantidades, para a viagem de retorno;

■ Realizar manejo das caças próximas das casas e rodízio dos locais e piques usados para caçar, assegurando descanso para as caças. Não derrubar as árvores frutíferas que servem de alimento para as caças;



Acervo ASCY



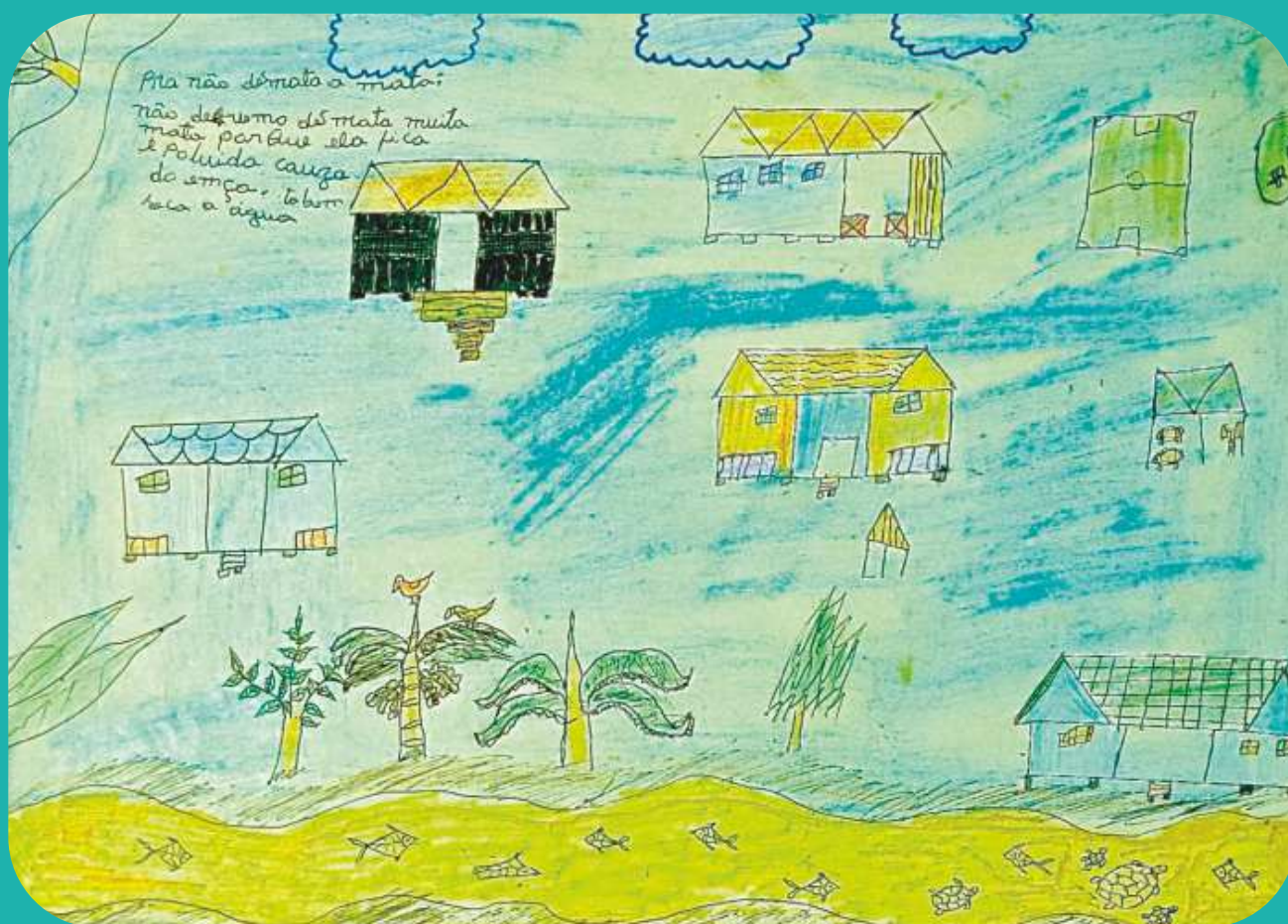
- Realizar monitoramento da fauna, para verificar quais as espécies menos abundantes e definir um período de tempo sem a caça daqueles animais. O monitoramento também vai indicar se a população daquele animal está aumentando ou diminuindo;
- Estabelecer uma área de refúgio na área de uso dos Katukina, a partir das cabeceiras do Igarapé Pessoa.
- Reforçar a fiscalização dos ninhos de tracajás nas praias e implantar mais tabuleiros. A maioria das aldeias já não caça nem coleta ovos dos tracajás e já estamos vendo bons resultados.

VI-PESCA



- Pescaria nos Lagos– Retomar a pescaria nos lagos, que é uma tradição Yawanawa ligada às histórias e à cultura (por exemplo, era nas pescarias que aconteciam os casamentos) e fazer acordo para todas as comunidades pescarem nos lagos juntas novamente, pois é uma pescaria que pode ter um impacto muito grande;
- Pescaria com veneno– Manter nossas formas tradicionais de pesca, com a definição sobre como manteremos o uso do Tingui, do Assacu e do Shata, que são venenos muito fortes.
 - Fica proibido o uso do Tingui no rio, sendo permitido apenas nos igarapés;
 - O Assacú será usado nas pescarias de lagos direcionadas para as grandes reuniões e festas culturais, para manter a tradição, mas com uso moderado, deixando um ano de descanso para o lago. As famílias devem cuidar dos lagos próximo das suas aldeias, para reforçar nossa fiscalização;
 - As pescarias com Shata eram realizadas em comemorações especiais, envolvendo resguardo e uma história. O “shata” é um veneno mais daninho, pois mata tudo e o lago leva cerca de 5 anos para se recuperar. Então fica proibido uso do shata em toda a Terra Indígena Rio Gregório;
 - Fica proibido também o uso de qualquer veneno nos dois principais lagos da terra;
- Para que não haja desperdício de peixe, ao realizarem grandes pescarias nos lagos, as famílias Katukina, que são reduzidas, convidarão algumas famílias Yawanawa, e vice-versa;

- Não desmatar no entorno dos lagos, igapós, igarapés e grotas e não fazer roçados na beira do rio, deixando uma distância mínima de 30 metros, pois o desmatamento das matas perto dos igarapés tira a comida dos peixes;
- Apoiar os pescadores com malhadeiras, tarrafas e também cursos para fabricar esse instrumentos de pesca;



VII-RECURSOS FLORESTAIS



- Realizar iniciativas e ações de educação agroflorestal e ambiental, voltadas aos nossos filhos, nossas famílias e nossas comunidades, para que as árvores frutíferas e as palmeiras sejam sempre mantidas próximas das nossas casas;
- Melhorar o manejo das palmeiras, para que na colheita dos frutos e das palhas possamos manter próximas às aldeias o buriti, a bacaba e o cocão, que fornece a palha que usamos para cobrir nossas casas. Desta maneira poderemos manter nossa cultura de fazer casas;
- Coletar sementes, fazer mudas e reflorestar os nossos campos e nossas aldeias, com a ativa participação dos AAFIs e voluntários, e com a ampliação dos esforços para termos mais assistência técnica, aprendendo com as experiência de reflorestamento que estamos acumulando;





Acervo ASCY

VIII– PROJETO SOCIAL E ECONÔMICO YAWANAWA

- Instalar Centro de Processamento de Óleos e Essências Yawanawa, utilizando os recursos florísticos da terra indígena e do entorno;
- Expandir e fortalecer o Programa de Etnoturismo e implementar uma atração por aldeia, com a adequação de alternativas de hospedagem para a recepção dos visitantes e a implantação de uma pousada na aldeia Matrixã,;
- Instalar fábrica completa de açaí nas aldeias, para o consumo e a venda;

IX-USO DO TERRITORIO

- Estabelecer um limite entre a aldeia Sete Estrela e o igarapé Marajá, para uso exclusivo dos Katukina. A TI do Rio Gregório não é só Yawanawa, mas também dos Katukina, que estão localizados entre duas aldeias Yawanawa;
- Fica proibida, de comum acordo entre os povos Yawanawa e Katukina, a entrada de pessoas não indígenas na terra indígena para caçar ou pescar, e estabelecido que esta decisão deve ser repassada para os moradores do entorno. Nos últimos meses pessoas não indígenas tem entrado para caçar e pescar na terra indígena, portanto, a liderança que trouxer visitantes à T.I. deverá comunicar as outras, e esses visitantes deverão assinar o Termo de Compromisso já existente. Cada aldeia será responsável por coletar as assinaturas dos seus visitantes;
- Respeitar os convidados (governo, empresa, ong ou pessoa física) das demais aldeias, quando eles vem apoiar e ajudar nos interesses dessas aldeias, com o impedimento de qualquer tipo de manifestação contra esses convidados, exceto quando sejam provocados danos (drogas, outros costumes, biopirataria, etc..) à população Yawanawa e Katukina como um todo;



X-VIGILANCIA E FISCALIZAÇÃO

- Montar um posto de vigilância equipado, com todos os instrumentos e equipamentos necessários, na entrada da TI, nas proximidades da aldeia Matrixã;
- Montar um sistema de vigilância no limite da terra indígena (cabeceiras do rio Gregório);
- Equipar e capacitar os AAFIs e comunidades com barcos, motores, GPS, maquinas fotográficas e etc...), para as atividades de vigilância do território;
- Fazer a reabertura das picadas a cada 2 anos;

XI-TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO

- Adquirir nova frota de barcos e motores para as comunidades, com os seguintes itens:
 - Barcos de madeira de 3 toneladas para as aldeias que estão produzindo, com motor a diesel, para transporte da produção,;
 - Voadeira para atendimento emergencial das aldeias e barcos de alumínio com motor compatível, para o atendimento dos agentes de saúde;
 - Barcos de alumínio com motor compatível para os trabalhos dos professores;
- Assegurar a disponibilidade de combustível para todas as atividades;

XII- COMUNICAÇÃO

- Instalar telefones rurais nas aldeias;
- Implantar um sistema de comunicação (radiofonia) em toda a terra indígena, contemplando todas as aldeias e a sede da ASCY, que se comunique com a FUNAI e SESAI;

XIII-INFRAESTRUTURA

- Organizar a infraestrutura de cada comunidade/organização com autonomia, assegurando que cada organização tenha sua sede própria.
- Procurar apoio e projetos para estruturar as aldeias, com apoio da ASCY especialmente às que não tem infraestruturas básicas. Os projetos devem focar também fora da aldeia, na cidade, como para a construção de uma casa de hospedagem para cada aldeia;
- Os mesmos apoios que obtivermos para os Yawanawa serão estendidos para os Katukina da aldeia Timbaúba.



XIV-RECURSO HÍDRICOS/EDUCAÇÃO AMBIENTAL

- Não sujar o rio, pois é a água que se usa pra lavar e cozinhar. Fica proibido jogar lixo, como latas de conserva, vidros, plásticos, restos de animais, paleta quebrada, óleo queimado, baterias, pilhas e outros poluentes no rio e nos igarapés e nas margens. Colocar placas para lembrar as pessoas nas aldeias, informando sobre a proibição de jogar lixo no rio;
- Reforçar o trabalho com o lixo que já existe nas aldeias, onde há aterros feitos pelos próprios indígenas, para o depósito do lixo não orgânico. Devem ser construídos aterros mais distantes das aldeias, para não incomodar os moradores;
- Assegurar apoios para ações de educação ambiental na terra indígena, para que sejam evitados, por exemplo, problemas de doença provocada pelo Rotavírus, resultante do acúmulo de lixo nas aldeias, que é levado para o rio quando chove;
- Aproveitar melhor as madeiras e os restos de madeira serrada, inclusive com base no que foi aprendido nos cursos da Comissão Pró-Índio do Acre;
- Reforçar a necessidade para que as comunidades continuem construindo suas fossas com distância de 50 metros dos rios e igarapés.



Foto: Lica Donaire



Foto: Belo Borges







